

A MAGIA E O HERÓI CLARICEANO

Taiza Mara Rauen Moraes*

Resumo: O artigo coloca em questão o herói clariceano e o explora pela “força mágica” a partir da análise de sua trajetória marcada por momentos de revelação ou de epifania. São retomadas as abordagens críticas efetuadas por Benedito Nunes e Affonso Romano de Sant’Anna e a base teórica é constituída pelos estudos antropológicos de George Frazer, publicados no livro *O ramo de ouro*. A análise é desenvolvida na narrativa “Onde estivestes de noite”.

Abstract: This article discusses the role of the heroe in Clarice Lispector’s writings. It explores the aspects of herroic “magic power” departing from the stream pointed by moments of revelation and epiphany. The critical approaches by Benedito Nunes and Affonso Romano de Sant’Anna are revisited, thus fundamenting the anthropological theory on George Frazer’s “O ramo de ouro”. The written analysis develops in form of the narration “Onde estiveste de noite”.

Palavras-chave: herói, rito, êxtase, magia

Key words: heroe, rite, ecstasy, magic

Clarice Lispector constrói as trajetórias de seus heróis a partir de um aprofundamento introspectivo, situando-os como seres que aspiram fixar-se ante uma realidade fugidia. Explora-os em múltiplas experiências psíquicas, mas recusa-se a fixá-los como tipos psicológicos, resultantes da análise de caracteres. Seus heróis buscam a identidade, mas esta busca os conduz à percepção da fragilidade existencial e da plenitude das coisas.

Para discutir o conceito de herói usarei a análise de Girard¹, que o define como “herói de tensão transfigurada”, por buscar valores que não são defendidos por nenhum grupo social. Assim, o herói opera uma transmutação mítica ou metafísica da realidade como uma saída para ultrapassar seus conflitos existenciais.

* Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade de Joinville

¹ René Girard. *Mensonge Romantique et Vérité Romanesque*, Paris, Grasset, 1961.

As certezas e as sínteses não se realizam em heróis clariceanos como GH, de *A Paixão Segundo G H*, que se entrega à existência por um impulso mágico na percepção de uma realidade que lhe escapa – “Eu estava agora tão maior que já não via mais. Tão grande como uma paisagem ao longe. Eu era o longe.”(p. 216), ou Joana, de *Perto do Coração Selvagem*, que se mostra inquieta diante das regras e das situações cotidianas – “Sim, ela sentia dentro de si um animal perfeito. Repugnava-lhe deixar um dia esse animal solto. Por medo de falta de estética.”(p. 17)

Para descrever esses “impulsos mágicos” que conduzem os heróis a reflexões sobre a existência, Clarice utiliza uma linguagem que neutraliza os significados abstratos, repetindo insistentemente verbos e substantivos para desgastar a força expressiva das palavras, numa escrita que busca captar o “refluxo da linguagem”, segundo crítica de Benedito Nunes² observáveis nos seguintes exemplos selecionados pelo estudioso – “Então ela viu: um cego que mascava chicles...Um homem que mascava chicles...” (“Amor”, in: *Laços de Família*); “Que é que havia nas suas vísceras que faziam dela um ser? A galinha é um ser?”, “Uma Galinha”, in: *Laços de Família*).

A trajetória heróica é encaminhada para um momento de “revelação”, momento epifânico que irrompe da cotidianidade e a ultrapassa. Nesse momento é atingido o “êxtase”, vocábulo que etimologicamente vem do grego, e significa “estar fora”, “sair”.³

O herói clariceano, ao atingir o estado de êxtase, fica disponível para fruir abertamente a realidade aceitando a vida em sua mediação. No conto “Feliz Aniversário”, Anita, a “velha aniversariante”, atinge o êxtase ao cortar ferozmente o bolo de aniversário e cuspir no chão. A seguir ela avalia negativamente os membros da família desprezando-os como seres opacos, apenas abrindo uma exceção para a nora Cordélia e para seu filho Rodrigo, que não partilhavam do falso “espírito familiar” dominante na comemoração. Assim, a fragilidade dos laços de família se evidencia na sua imediatez, a partir do êxtase, que permite à velha olhar tudo com distanciamento dessacralizador.

As narrativas de Clarice são estruturadas de modo aberto, os heróis se identificam por uma plasticidade de decisões pessoais e não apresentam uma visão estática e silogística da ordem, mantêm “uma geminação contínua de relações internas

² Benedito Nunes, *O Dorso do Tigre*, São Paulo, Perspectiva, 1976, pp 137-138.

³ Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*, Trad. Alfredo Bosi, 2ª ed, São Paulo, Mestre Jou, 1962, p400.

que o fruidor deve descobrir e escolher no ato de percepção da totalidade dos estímulos” (Eco, *Obra Aberta*, p. 64) portanto, operam uma contraposição às narrativas de estruturas fechadas que refletem uma concepção de mundo como hierarquia de ordens predeterminadas.

O êxtase que os heróis de Clarice atingem ao entrarem em contato com a vida impessoal da natureza foi analisado por Benedito Nunes em *O Dorso do Tigre*⁴ e por Affonso de Romano de Sant’Anna em *Análise Estrutural de Romances Brasileiros*⁵.

Benedito Nunes investiga o “êxtase”, como decorrente da náusea existencial, como uma emoção violenta provocada pela angústia ante o confronto solitário com a nossa existência, sem a familiaridade cotidiana e a proteção de formas habituais da linguagem, aliada à percepção da contingência ameaçada pelo “Nada” existencial. A oposição linguagem e silêncio é apontada como dominante no estilo clariceano – “a romancista, ora neutralizando os significados abstratos das palavras, ora utilizando-os na sua máxima concretude, pela repetição obsessiva de verbos e substantivos, emprega um processo que denominaremos técnica de desgaste, como se, em vez de escrever, ela *desescrevesse*, conseguindo um efeito mágico de refluxo de linguagem, que deixa à mostra o “aquilo”, o inexpressado.”(Nunes, *O Dorso do Tigre*, p. 137-38)

A angústia dos heróis clariceanos é associável ao conceito proposto por Heidegger, que a diferencia do medo, por considerá-la resultante de um sentimento indefinido, enquanto que o medo é diretamente ligado a algo definido. Portanto, o homem, para fugir da angústia, se refugia no cotidiano.

Benedito avalia que a náusea se apossa da liberdade dos heróis e se constitui numa via de acesso ao *ser* imemorial, como a uma ascese espiritual mística, um encontro com as forças cósmicas.

Após o “êxtase”, o herói atinge uma “quietude compungida”, fase preparatória de uma renúncia que produzirá uma futura identificação com o *ser*. O sentimento da existência associado à angústia e à náusea implicam num conhecimento intuitivo e subjetivo. A experiência do ser e do existir é exemplificada pela “alegria infernal” de GH, de *A Paixão Segundo GH*, quando, ao comungar com a matéria pastosa de uma barata esmagada, atinge a identificação com o *ser*.

⁴ Benedito Nunes, Op. cit.

⁵ Affonso Romano de Sant’Anna. *Análise Estrutural de Romances Brasileiros*. Petrópolis, Vozes, 1977.

Para Benedito Nunes, a visão existencial de Clarice Lispector se aproxima dos antigos místicos ocidentais e orientais ao incorporar em seu discurso a concepção do “estado de graça” como um estágio de quietude que transcende o humano. GH se depara com a “bruta e crua glória da natureza”, com a “a vida primária”, troca a identidade do *eu* convencional pela identificação com a matéria da vida.

Os conflitos psicológicos desses heróis não se restringem a uma dimensão biográfica, ou seja, suas histórias ultrapassam as questões individuais. Eles são movidos pelo desejo de superar a aparência, pelo desejo de saber o que são pelo “dito” ou pelo “silêncio”, num embate travado da linguagem e contra a linguagem. A reflexão permanente possibilita a esses heróis tornarem-se espectadores de suas próprias metamorfoses afetivas. Benedito cita como exemplos as reações de Joana, de *Perto do Coração Selvagem* e de Ermelinda, de *A Maçã no Escuro*. A raiva, para Joana, é amor que se ignora, e Ermelinda busca Martim não por amor, mas por desejar amá-lo, e passa a ter desilusão e desamor durante a entrega amorosa.

Já, Affonso Romano de Sant’Anna, em uma perspectiva estruturalista, analisa o êxtase como decorrente da epifania. O significado dado ao termo epifania é resgatado de Santo Tomás de Aquino, que o associa a três estados: *integritas*, *consonantia* e *claritas*.

O crítico distingue o sentido místico – religioso da epifania caracterizado pelo aparecimento de uma divindade e uma manifestação espiritual, do sentido aplicado à literatura, onde o termo significa o relato de uma experiência aparentemente rotineira, que assume a força de uma revelação do êxtase, fundindo eu/mundo.

Para tratar da epifania, Romano de Sant’Anna faz um levantamento de palavras-chave desencadeadoras do processo. Portanto, ao situar a narrativa como epifânica, o crítico enfoca a problemática da escrita como um rito, ou seja, considera a narrativa como um rito que repete a si mesmo, operando a circulação velho/novo, indicadores da circularidade.

O crítico, também fala de três ou quatro funções básicas do conto, propondo uma armadura semelhante às etapas formuladas para o mito, por J. Greimas: “prova principal” e “prova glorificante”, atingindo a formalização de um quadro de funções básicas: colocação de personagem numa determinada situação, preparação de um evento ou incidente discretamente pressentido, ocorrência do incidente ou evento e desfecho, em que se mostra ou se considera a situação do personagem após o evento ou acidente.

Affonso Romano de Sant'Anna salienta que a palavra *epifania* não aparece na escritura de Clarice Lispector, no entanto, ressalta que a atmosfera ficcional é construída por um vocabulário referenciador da epifania.

Êxtase, rito e magia são elementos presentes na escritura de Clarice. Contudo, se quisermos analisar uma narrativa buscando melhor compreender a magia seria talvez interessante levantar seus princípios recorrendo ao livro *O Ramo de Ouro*, de George Frazer.

Frazer afirma que os princípios lógicos da magia seriam dois: primeiro, um efeito se assemelha à sua causa, constituindo a lei da similaridade, e, segundo, as coisas em contato continuam a agir umas sobre as outras, mesmo à distância, constituindo a lei do contágio. A magia objetiva produz um acontecimento que é provocado pelas leis da similaridade e do contato. Assim, a magia por contato poderá ser exercida sobre alguém através das roupas e de partes do corpo que tenham sido separadas dele e, também, por intermédio de impressões deixadas por seu corpo na areia e na terra.

Os adeptos da magia crêem que possam transferir forças maléficas para objetos, plantas, animais ou seres humanos, conduzindo-os à morte como bodes expiatórios. Verdades da tradição pagã que se preservam no cristianismo. Tal preservação é comprovada por Frazer em seus estudos antropológicos ao revelar que a Roma cristã incorporou valores da tradição pagã na comemoração da *Noite de Reis*. Nessa ocasião, é realizada uma cerimônia em honra de uma feiticeira mítica, Befana, corruptela popular de *epifania*, nome eclesiástico da festa. A cerimônia se caracteriza pela produção de barulho amplificado, produzido por variados instrumentos musicais, objetivando rememorar o ritual de expulsão das feiticeiras, o que era feito em outras épocas, neste período do ano. Portanto, aqui, epifania está ligada a um ritual mágico pagão, que foi incorporado pelo cristianismo.

Tentarei a seguir aplicar tais conceitos à leitura de “Onde Estivestes de Noite”, de Clarice Lispector, publicado na coletânea de textos com o mesmo título. O êxtase e o ritual aparecem na narrativa que esboça “flashes” de um ritual mágico conduzido por um herói/heroína, Ele-ela ou Ela-ele, caracterizado pelo erotismo e pela sensualidade advinda da liberação das forças satânicas.

O leitor é induzido a refletir sobre o mistério, a partir de uma série de epígrafes iniciais de Alberto Dines, Fauzi Arap, Raul Seixas e William Harvey, que remetem ao indefinido.

As histórias não têm desfecho. *Alberto Dines*

O desconhecido vicia. *Fauzi Arap*

Sentado na poltrona com a boca cheia de dentes, esperando a morte.

Raul Seixas

O que vou anunciar é tão novo que receio ter todos os homens por inimigos, a tal ponto que se enraízam no mundo preconceitos e as doutrinas, uma vez aceitas. *William Harvey*

Após a leitura das epígrafes, uma atmosfera mágica é construída pela descrição das condições atmosféricas noturnas que envolvem um ritual comandado por um herói andrógino denominado Ela-ele, o qual assume, à noite, o nome de Xantipa e, durante o dia, “parece ser Maria Luísa”.

O herói/heroína Ela-ele se caracteriza como um guia mágico que salva seus seguidores do “Grande Tédio”.

A narrativa é estruturada a partir da descrição da ascense mística do herói/heroína para atingir a “coisa orgiaca”. No ritual descrito não são mencionados símbolos, mas a heroína andrógina cobre sua nudez com um manto roxo.

Eles queriam amá-la de um amor estranho que vibra em morte. Não se incomodavam de amá-la morrendo. O manto de Ela-ele era da sofrida cor roxa. (p. 61)

O fluxo ritualístico desencadeia o ódio, sentimento impulsionador do enfrentamento com o proibido que se caracteriza narrativamente pela busca da alegria de perder-se na coisa em si. A explosão do ódio adia a náusea existencial.

O ódio era um vômito que os livrava de vômito maior, o vômito da alma. (p. 65)

No entanto, o medo assume uma tônica mais forte do que a angústia, provocadora do vômito. O desejo de transgredir e o descontrole físico ante a violência ritualística garante um estado de espontaneidade e uma alegria frenética.

O ritual orgiaco parece equivaler ao modelo de transferência do “mal” que foi analisado por Frazer como “magia de contato”. Os discípulos de Ela-ele se apoderaram de sua energia e se unificam a ela pela força maléfica.

Eles todos através dela gozavam: era a celebração da Grande Lei. (p. 69)

O pacto com o sagrado é fixado narrativamente como uma sensação de que

a realidade é ultrapassável, como um momento de ruptura com as leis éticas e morais, de modo que o plano do cotidiano controlado por regras, vivido diurnamente pelos discípulos de Ela-ele é sufocado durante os rituais noturnos.

Mas era para ter super sensações que para ali se subia. E era sensação tão secreta e tão profunda que o júbilo faiscava no ar. Eles queriam a força superior que reina no mundo, através dos séculos. Tinham medo? Tinham. Nada substituía a riqueza do silencioso pavor. (p. 66)

Assim, a dimensão histórica, factual, cede espaço narrativamente para a dimensão cultural e existencial, que segundo a terminologia de Eco, assume-se como uma “metáfora epistemológica” do texto do existir. O herói/heroína Ela-ele guia os discípulos para um pacto místico numa atmosfera noturna, que se desfaz ao amanhecer com a necessidade dos discípulos retornarem à rotina de suas vidas e às regras morais.

Enfim, o ar clareia. E o dia de sempre começa. O dia bruto. A luz era maléfica: instaurava-se o mal – assombrado dia diário. Uma religião se fazia necessária: uma religião que não tivesse medo do amanhã. (p. 75)

Com o clarear do dia, o medo dos mistérios da magia se apodera dos discípulos de Ela-ele e a adequação aos modelos se reestabelece aliada à aceitação do estabelecido.

Onde estivestes de noite? Ninguém sabe. Não tentes responder – pelo amor de Deus. Não quero saber a resposta. Adeus. A - Deus. (p. 79)

O êxtase demoníaco provocado pela magia de contato dos discípulos com Ela-ele ultrapassa a lógica e produz uma identificação com o SER para, em seguida, ocorrer uma aceitação da imanência humana e da transcendência. A narrativa marca pela oscilação do herói/heroína entre intuitivo e o racional numa busca paradoxal do cotidiano de onde partiu, e de uma verdade ininteligível. Situação similarmente enfrentada por Martim, herói de *A Maçã no Escuro*, que questiona a existência ao indagar-se sobre a posição do homem no mundo: “Quem sabe se nosso objetivo estava em sermos processo”. (p. 173)

O ritual mágico é marcado pela violência, pela ruptura ética e moral que propicia ao homem a liberdade de perder-se.

Estavam todos soltos. A alegria era frenética. Eles eram o harém de Ela-ele. Tinham caído finalmente no impossível. (p. 67)

Portanto, Clarice Lispector associa o mágico/sagrado à violência através de um pacto com as forças desconhecidas, que é um modo de enfrentar as incertezas que rodeiam o homem. O herói e seus discípulos pulsam inteiros para, posteriormente, se entranharem no cotidiano certos de que misticamente participaram do divino.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução Alfredo Bosi, 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FRAZER, George. *O ramo de ouro*. Ed. do Texto: Mary Douglas, São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

GIRARD, René. *Mensonge romantique et vérité romanesque*. Paris: Grasset, 1961.

LISPECTOR, Clarice. *Onde estivestes de noite*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

_____. *A maçã no escuro*. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

_____. *Laços de família*. 7. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.

_____. *A paixão segundo G H*. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.

_____. *Perto do coração selvagem*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. 4. ed. Petrópolis, 1977.